ISSN: 2358-8829

MEU FILHO, MEU MUNDO (1979) E RAIN MAN (1988): UMA ANÁLISE DAS PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES E RECEPÇÕES ACERCA DO AUTISMO

Bruna Alves Lopes

Harley Abrantes

RESUMO

Nas últimas décadas houve um crescimento de séries e filmes que trazem em suas narrativas personagens cujos protagonistas são autistas. The Good Doctor (2017-2024), Atypical (2017-2021), Uma advogada extraordinária (2022), além de filmes como Temple Grandin (2010) são exemplos. O interesse da indústria cinematográfica e das plataformas de *streaming* estão relacionados com fatores como o crescimento do ativismo ─ primeiro dos familiares e, posteriormente, dos próprios autistas, que tornaram visíveis a existência das pessoas diagnosticadas dentro do espectro autista, suas demandas e reivindicações dos direitos, o que colaborou tanto para a popularização do diagnóstico de autismo (Donvan, Zucker, 2017; Lopes, 2019) ─ e o crescente debate público acerca da temática (principalmente após a sanção da Lei nº 12.764/2012, também conhecida como Lei Berenice Piana) (Santos, 2026). Considerando que a Indústria Cultural transforma a cultura em mercadoria a ser vendida (Adorno e Horkheimer, 1985) não podemos ignorar a articulação entre interesses mercadológicos e a existência de um público consumidor, nem o fato de que, até os anos 2000, o diagnóstico de autismo era desconhecido e, portanto, raras suas representações nas mídias em geral (Santos, 2026). Com base nas questões acima expostas este trabalho tem como proposta analisar como as obras cinematográficas Son-Rise: a Miracle of Love (1979), dirigido pelo diretor Glenn Jordan e traduzido para o português como Meu filho, meu mundo, e Rain Man (1988), dirigido por Barry Levinson, foram abordadas pela mídia impressa brasileira e recebidas pelo público. Para tal, o trabalho consiste numa análise qualitativa e documental de jornais publicados ao longo da década de 1980 e disponibilizados pela Hemeroteca Digital Brasileira (https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx), além de relatos de familiares acerca do assunto. Defendemos que as produções cinematograficas, assim como suas descrições e comentários na mídia impressa, podem agir como "tecnologias da deficiência" orientando representações e práticas com relação ao autismo; entretanto, vale destacar a capacidade de agência dos indivíduos e de ressignificação dos artefatos culturais disponibilizados na Indústria Cultural.

Palavras-chave: Autismo, Indústria Cultural , Meu filho, meu mundo, Rain Man, jornais